

O perfil masculino contemporâneo

Gisele Leite

Resumo:

O homem, a masculinidade e o poder compõem uma trilogia muito contemporânea e complexa. E a decadência evidente dos moldes tradicionais fez da violência um meio de expressão e de reivindicação social. O texto analisa pelo viés psicológico, social e antropológico o homem da atualidade (Tarzan ou Homer?).

Abstract

The man, masculinity and power make up a trilogy very contemporary and complex. And the evident decline of traditional molds, made violence a means of expression and social demands. The paper analyzes the bias psychological, social and anthropological man of today (Tarzan or Homer?).

Palavras-Chave: Antropologia. Sociologia. Psicologia. Psicanálise. Masculinidade. Contemporâneo.

Keywords: Anthropology. Sociology. Psychology. Psychoanalysis. Masculinity. Contemporary.

Segundo o psicoterapeuta Sócrates Nolasco a figura de Tarzan¹ foi necessária em seu tempo, pelos idos de 1930, e atualmente é a

¹ Tarzan é personagem da ficção criada pelo escritor norte-americano Edgar Rice Burroughs na revista Pulp All-Story Magazine em 1912 e depois publicado em formato de livro em 1914. O mesmo personagem reapareceu em mais de vinte e quatro obras posteriores e também em diversos contos avultos. Outros escritores igualmente escreveram obras com o mesmo herói selvagem, como Barton Werper, Fritz Leiber e Philip José Farmer.

Tarzan é filho de aristocratas ingleses que aportaram na selva africana após um mortim. Com a morte de seus pais, Tarzan é criado por macacos. Seu verdadeiro nome é John Clayton III, Lorde Greystoke. Tarzan é o nome conferido pelos macacos e significa “pele branca”. Representa uma adaptação moderna

figura de Homer Simpson² que precisa existir para que as ideologias de emancipação possam existir.

As estatísticas comprovam que existe maior percentual de homens envolvidos em situações de violência, que vão das mais cotidianas e banais até a morte por patologias cardiovasculares, alcoolismo e suicídio.

Também a presença masculina é predominante na população carcerária, e sendo significativo registrar que há também certa predominância de crimes contra o patrimônio.

As sociedades sempre tiveram dificuldades em lidar com a violência assim como contê-la, há certa inquietação envolvendo o perfil masculino e a incidência da violência seja dentro das paixões, da moral, seja quanto à problemática referente à identidade.

O que implica em pensar no conceito de masculinidade e o quanto este está comprometido com um suporte de coletivização. Portanto, em cada época existiu um determinado tipo de homem e, *ipso facto*, certo cariz de masculinidade.

Se pesquisarmos os textos clássicos e míticos encontraremos personagens como Hércules, Teseu, Aquiles e Ulisses. E, em cada herói havia uma constituição, vejamos o exemplo de Ulisses que deixa a cidade de Ítaca e vai com Menelau em direção à Tróia para resgatar Helena.

Helena que para alguns representa essencialmente o feminino³, o que há de mais essencialmente feminino em uma mulher. Portanto,

mitológica-literária de heróis criados por animais, como em Roma onde seus fundadores Rômulo e Remo foram criados por lobos.

² Homer Jay Simpson é o nome completo de um personagem de desenho animado criado por Matt Groening para "Os Simpsons", uma série de televisão do canal FOX. É o pai da família, e sua primeira aparição se deu em 19/04/1987. Representa uma sátira do típico pai de família norte-americano. Em seu trabalho como inspetor comete inúmeros erros, além de frequentemente cair no sono, o deixa a cidade em perigo. O mesmo acontece com sua família já que em geral revela ser um péssimo pai e marido. Apesar de ter apenas 39 anos, seu estado físico é obeso e preguiçoso além de ter reduzida inteligência, manifestando-se de forma infantil e imatura. Mas, Homer sempre se libra dos problemas, embora sua personalidade não mude. Sua principal virtude é ter bom coração. Por vezes é capaz de dizer frases brilhantes entendidas como tolas, mas entendidas como extremo refinamento cultural.

é a paixão (com Páris) que move Ulisses, e o faz então resgatar Helena, revelando o seu comprometimento com Menelau.

Já pelo perfil de Ulisses pode-se reparar que a construção masculina está articulada a uma coletividade. Ser homem é ser inserido num contexto, num mundo esculpido pelos valores que nos fazem acreditar que estes heróis sejam necessários para entendermos a perspectiva grega do mundo.

E, o mesmo se deu na Idade Média, com Parsifal⁴ que era um guerreiro. Assim ao compararmos as narrativas literárias e fazer a composição de certo tipo de herói percebemos a referência a ideia de honra dos Cavaleiros da Távola Redonda.

E concluímos que não existe um herói desvinculado do outro, e, portanto, não se concebe o herói sem o mundo. Pois é um mundo, a partir da coletivização que o sujeito é inventado e, para que este faça uma composição de si com o mundo.

Na verdade, é o mundo a partir da invenção do sujeito que passa a existir. E, hoje na complexa sociedade contemporânea notamos que precisamos de sujeitos úteis economicamente e dóceis politicamente.

A transição da Idade Média para Idade Moderna produziu outra forma de pensar, pois saímos do teocentrismo para o antropocentrismo e o racionalismo de Descartes que quando

³ Manoel Carlos Gonçalves de Almeida mais conhecido como Manoel Carlos ou apenas "Maneco" é escritor e autor de várias telenovelas brasileiras (que retratam o cotidiano contemporâneo). Uma característica marcante de suas tramas é o batismo de suas personagens femininas principais com o nome de Helena. Que se remete a força de Helena de Tróia.

⁴ Perceval, Percival, Parsifal ou ainda Peredur na literatura gaulesa, é um dos cavaleiros da Távola Redonda nas lendas do Ciclo Arturiano. É bastante conhecido principalmente, pela participação da Demanda do Santo Graal. Numerosas versões sobre a origem de Perceval. E, na maioria das vezes é retratado como de origem nobre, filho de Pelinore, sendo cavaleiro valoroso e rei de Listenoise, A sua mãe, normalmente anônima, desempenha papel relevante em sua história. Esta vai viver na floresta isolada para impedir que o filho se torne cavaleiro. A sua irmã, portadora do Santo Graal, é ocasionalmente chamada de Dandrane. Nas versões da história consta que Perceval é filho de Pelinore, e seus irmãos são Tor, Agloval, Lamorat e Domar. Depois da morte do pai de Perceval, a sua mãe leva-o para o isolamento das flores, fazendo com que ignore até os quinze anos como se comportam os homens. Um dia ao brincar com dardos da floresta, o jovem Perceval encontra cinco cavaleiros com armaduras tão brilhantes como dos anjos.

enunciou “penso, logo existo” trouxe a unção do homem que antes era matéria e espírito, ou seja, corpo e alma, unificados em um só.

Com Descartes descobrimos afinal os dois parâmetros que compõem a natureza humana. Principalmente porque esses dois elementos estão em oposição.

Daí justifica-se o individualismo que traz diferente prerrogativa de compreensão de mundo, em franca oposição ao mundo medieval tradicional.

A ideia de oposição e paradoxo bem presente na transição vivida dos séculos XVI e XVII e que desponta na literatura. Como exemplo, temos Dom Quixote de La Mancha⁵ (que avesso a Parsifal) é um herói coxo, manco, esquelético que conversa com os moinhos, e os enxerga como fossem dragões, e que tem como fiel escudeiro, o obeso, baixo e engraçado Sancho Pança.

Dom Quixote é o herói que só olha para dentro de si, um mundo novo e inédito que se opõe ao mundo tradicional. A ideia de identidade que pode ser inventada, construída é primorosa concepção moderna. E quando o saber técnico ganha força e valor, quando o discurso da eficiência faz alusão a figuras como Robson Crusoe um náufrago que sobrevive mesmo perante adversidades, que sabe apropriar-se da natureza.

Já traduzindo a noção de que a natureza tem que ser domada, bem como a violência, onde também deve existir alguma coisa que deva ser apropriada.

De qual forma devo tutelar a violência ao ponto de realmente controlá-la? Muitas ciências e técnicas se preocupam com tal indagação, porém, vivenciamos dolorosamente o descontrole e seus efeitos.

⁵ Dom Quixote é um clássico da literatura espanhola, escrito por Miguel de Cervantes (1547-1616). O título original completo era “*El ingenioso hidalgo Don Quixote de La Mancha*” É uma das obras mais conhecidas da literatura mundial. A obra é bem interessante e tem como cenário as paisagens da região da Espanha no período pós Idade Média. Proporciona um mergulho no imaginário e nas fantasias do personagem principal, embora narre também situações de grandes privações e por vezes ridículas. Mesmo assim Dom Quixote angaria simpatia.

Bertrand Russel dizia a que a qualidade do pensamento está exatamente na capacidade de produzir vertigem. De sorte que quando o pensamento não gera vertigem há de se duvidar se este está efetivamente se prestando para alguma coisa. Se as vertigens fossem sucessivamente desaparecendo faz desaparecer também a imaginação das cenas sociais do mundo.

Entender o homem implicado na situação de violência significa entender a dificuldade de fazer com que sua imaginação possa agenciar aquilo que o constitui. Diante da incapacidade de imaginar, surge a violência representando uma forma de reiterar uma identidade que já não se sustenta.

De qualquer forma, Freud chegou a anunciar que o sujeito não é mais o sujeito da consciência, tal como Descartes já havia imaginado. E, mais radical foi o genial Nietzsche⁶ que chegou a dizer: “olha, essa história de que Deus, ou que a verdade existe está totalmente desgastada.”

A respeito da masculinidade e a mulher, ainda esclareceu Nietzsche: “O que na mulher inspira respeito e com frequência temor é sua *natureza*, que é ‘mais natural’ que a do homem, sua autêntica astuciosa agilidade ferina, sua garra de tigre por baixo da luva, sua inocência no egoísmo, sua ineducabilidade e selvageria interior, o caráter inapreensível, vasto, errante de seus desejos e virtudes...” (Além do bem e do mal § 239).

Ao considerar a mulher mais selvagem e inapreensível, Nietzsche pretende aproximá-la de Dionísio. Estas características indicam sua

⁶ Pouco nos interessa as aventuras amorosas de Nietzsche, mas é sabido que houve uma intensa paixão não correspondida nutrida por Lou Salomé, bem como são conhecidas suas desventuras ao lado da mãe e da irmã. De qualquer forma tais experiências podem ter influenciado sua visão sobre a mulher. Sobre a mulher perfeita enunciou: “A mulher perfeita é um tipo de ser humano mais elevado que o homem perfeito; e também algo muito mais raro”. (Humano demasiado humano §377). Para entender esta questão da mulher é preciso destacar a diferença que Nietzsche estabelece entre, por um lado, a agressividade e a força de uma natureza e, por outro, o sentimento de vingança e de rancor. Neste sentido, ele vai opor a mulher vingativa e ressentida à mulher realizada e feliz. Para ele a inveja e a vingança são frutos da má- consciência. Já a força que agride e que despreza diz respeito a uma natureza afirmativa. Como exigir da tigresa que respeite as suas presas?

flexibilidade moral no sentido de não se moldar facilmente, de não ser facilmente domesticada.

Talvez neste sentido a mulher esteja mais apta para o amor que os homens, uma vez que o amor, enquanto expressão da natureza é “imoral”. “É que homem e mulher entendem por amor coisas diferentes (...). Pois o amor, concebido de modo inteiro, grande, pleno, é natureza e, enquanto natureza, algo eternamente ‘imoral’” (A gaia ciência § 363).

Este aspecto natural da mulher⁷ é exaltado por Nietzsche. Para o filósofo, quando a mulher permanece na sua natureza é perfeita. Mas quando pretende mudar se espelhando no homem⁸, ela se perde⁹.

A demanda de sujeitos, das pessoas tenta se vincular e se sentir integrada ao mundo, no qual vivem, e então a violência significa essa tentativa de implicação, de fazer parte, de se sentir vinculado e reconhecido por alguma coisa. De se sentir respeitado, temido e notado.

Andar armado como faz o traficante faz com que o poder se mantenha e hostilize o possível opositor, então confere ao sujeito inexpugnabilidade fazendo ser capaz de responder muitas perguntas e dar conta do que é exigido, sucesso, fama, prestígio, poder e, etc.

Mas a ideia de representação de Estado representado faz com que a gente reflita sobre outra possibilidade, é a vantagem das

⁷ “O intelecto feminino – O intelecto das mulheres se manifesta como perfeito domínio, presença de espírito, aproveitamento de toda vantagem. Elas o transmitem aos filhos, como sua característica fundamental, e a isso o pai acrescenta o fundo mais obscuro da vontade. A influência dele determina, por assim dizer, o ritmo e a harmonia com que a nova vida deve ser tocada; mas a melodia vem da mulher”. (Humano demasiado humano § 411). A melodia vem da mulher como uma música que sai da natureza. É que seu intelecto é muito mais corpo que razão; muito mais instinto que consciência; muito mais intuição que percepção.

⁸ “Se uma mulher tem inclinações eruditas é porque, em geral, há algo de errado na sua sexualidade. A esterilidade predispõe a certa masculinidade do gosto; é que o homem, com vossa licença, é de fato «o animal estéril» – Nietzsche

⁹ O que comumente se considera como fraqueza na mulher, para Nietzsche, é a sua força. Sua grandeza não consiste em equiparar-se ao homem, mas justamente em ser diferente. Suas armas não são o conhecimento ou a política, mas armas muito mais sutis e perigosas como, por exemplo, a beleza, a sedução e a mentira. Portanto, o que Nietzsche descreve acerca da mulher é justamente o que há de mais valioso na sua própria filosofia. Se ele “acusa” a mulher de falsa, superficial, de só se importar com a aparência é justamente para ressaltar esses valores. Seria isto a transvaloração de todos os valores. Para o filósofo não há verdade, nem profundidade, nem essência – tudo é obscuro, como a mulher.

sociedades cartesianas. Se posso representar o Estado, também posso me fazer representar.

Desse modo, com a sociedade do Direito¹⁰ superou a sociedade das linhagens, das nobrezas, onde nasceu assim, imutavelmente irá morrer assim. Entram em cena, os diferentes graus de liberdade que acentuou os acidentes e o compromisso das sociedades, e auxiliou na construção das identidades dos sujeitos, ajudou a fazerem parte de seus grupos.

Com a sociedade do Direito passamos a ser regulados pelo mercado, pela igualdade formal, superamos gradativamente os heróis míticos, cavaleiros que estavam voltados para si mesmos, e passamos a olhar para o mundo e, ao final do século XIX e XX passamos a ser aquilo que bem desejo.

Após muitas lutas, e sob influxos iluministas veio a emancipação, a ideia de que tenho autonomia sobre mim mesmo, a ideia de pertencimento da vida.

Então no lugar de Deus fazer o homem a sua imagem e semelhança (num discurso totalizador), passamos a ter o homem a construir sua imagem e dessemelhanças.

Chegamos ao final do século XIX e início do século XX com três referências de sujeitos: um sujeito da inconsciência, um sujeito da história¹¹ e um sujeito da “não-verdade” – o homem sendo colocado no lugar de deus.

E tal discurso cientificista e tecnológico avança por todo século XX, daí o poder de realizar clonagem, de descobrir outros planetas, outras formas de vida e de tempo.

¹⁰ “A lei sempre emana do Estado e permanece, em última análise, vinculada à classe dominante, pois o Estado, como sistema de órgãos que regem a sociedade politicamente organizada, fica sob o controle daqueles que comandam o processo econômico, na qualidade de proprietários dos meios de produção”.

¹¹ Ter um passado e uma história é uma necessidade dos vivos e, como diria Pierre Nora, traduz o profundo mal-estar do homem contemporâneo diante dos fenômenos de desenraizamento, de desterritorialização, de perda das referências tradicionais que organizavam sua vida. In: RAGO, Margareth. Adeus ao Feminismo? Feminismo e Pós-Modernidade no Brasil. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-3/Artigo-1-p11.pdf Acesso 19/10/2012.

É a ideia do “homem inventar o homem”, de clonar, repetir, duplicar, o que os torna sobreviventes melhores e seletos. A ética é substituída pela excelência de espécie. Quase que numa batalha edílica na busca da melhor estética e da melhor inteligência¹².

A longevidade atingida pelas ciências biológicas e médicas nos aproxima da eternidade, da juventude eterna, de escapar das doenças incuráveis, dos atavismos genéticos, e ficar numa representação hegemônica. Glorificando uma identidade humana acima dos conceitos de masculinidade e feminilidade.

Então com o progresso científico posso nascer originalmente homem e, mais tarde, vir a morrer como mulher, assim como posso nascer originalmente negro e morrer branco e, essa possibilidade de mutações não tem mais o sexo como principal foco, assim torna-se um dado acidental. Podemos fazer qualquer negócio para bem atender o desejo e, isso pode se dar em razão da representação.

Vejamos o personagem Tarzan que surgiu nos quadrinhos nos EUA num momento em que se saía de trágica recessão, essa estória proporcionou a possibilidade de reinventar a civilidade, pois exibia o personagem intenso vigor, força e destreza apesar de todas as adversidades.

Então essa imaginada superação se apropria da estória de Tarzan, alcunhado de “homem-macaco”, da imaginação se extraem os sonhos. E precisamos dos sonhos para elaborar o ciclo vital composto de tese, antítese e síntese¹³.

A antítese não precisa ser necessariamente um conflito, um briga, ou que deva ter destruição. Mas foram as antíteses que nos alavancaram da caverna e nos trouxeram até onde chegamos hoje.

¹² O melhor argumento sobre a inteligência foi proposto por Dr. Eisenck, um psicólogo britânico, que definiu os "fatores" da inteligência. Atualmente é aceito que existem diferentes formas de inteligência, a qual varia entre os indivíduos. Por exemplo, "inteligência matemática", "inteligência espacial", "inteligência estética", "inteligência da expressão verbal", etc., se expressam por si mesmas em um único indivíduo.

¹³ A dialética é método de diálogo cujo foco é a contraposição e a contradição de ideias que acarreta outras ideias e que tem sido tema central na filosofia ocidental e oriental desde os tempos antigos. Em sua tradução literal a dialética significa “caminho entre as idéias”. A dialética também ficou conhecida como a arte da palavra. Todo movimento, transformação ou desenvolvimento opera-se por meio das contradições ou mediante a negação de uma coisa – essa negação se refere à transformação das coisas. A dialética é a negação da negação.

Nesse mar de paradoxos onde lutamos para termos diferenças e igualdades.

Os paradoxos ressaltam as diferenças mas reforçam as identidades e a construção de papéis e significados sociais. A função filosófica do paradoxo é esmiuçar as possibilidades existenciais.

Eliminar a antítese, assim como eliminar os sonhos significa extinguir a capacidade de evolução. São as antíteses que dão qualidade ao pensar, ao refletir, que o faz produzir vertigem¹⁴.

No caso dos homens, o que há nos rituais de iniciação que se constituem a partir do significado ser homem, ser assertivo no trabalho produtivo, proferir a última palavra sobre as coisas, ser forte e reativo, não levar desaforo para casa, ter uma *performance* sexual digna de atletas, como numa maratona, o que contrasta com o mero encontro amoroso sob a luz do romantismo.

A imaginação é crucial pois se o sujeito deixa de imaginar de se colocar sobre sua própria experiência, um modo de se sentir homem. A necessária articulação da vivência e experiência sobre o projeto de vida e do mundo é cada vez mais incumbência do próprio sujeito e a escola não pode ajudar e nem o Estado.

Essa ideia de Estado mínimo que não interfere em determinadas ações, negligencia todo o aparato que nos constitui como seres humanos.

Com a vida contemporânea afinal experimentamos uma despersonalização, e não conhecemos absolutamente ninguém, e nesse contexto comparece a violência como um dado, como um fenômeno humano dentro de uma dimensão temporal.

A partir do Tarzan, em representação de sujeito que todo mundo naturalmente conhece, gradualmente ao longo do século XX assistimos a desmistificação de Tarzan e chegamos até Homer

¹⁴ “A angústia é a vertigem da liberdade” essa frase é de Kierkegaard. Há experiências que traduzem vertigens existenciais como em momentos de grande ameaça, como a morte de pessoas caras. A vertigem é capaz de operar a descoberta da essência, incorporando-a.

Simpson onde no discurso da emancipação vivencia a mulher autônoma e que marca seu *locus* na família e na sociedade.

A oposição entre homem e mulher veio marcar a transição na literatura do século XVI e XVII e a matriz foi o homem branco e heterossexual. E as mulheres em seu discurso de emancipação vieram a reivindicar um projeto em relação aos homens pela paridade de direitos em relação aos homens.

Além de financiar a emancipação das minorias, hoje os movimentos homossexuais estão reivindicando também a possibilidade de adoção de filhos, de serem enfim reconhecidos como entidade familiar.

A multiplicidade de vínculos afetivos e de conjugalidades trazem cada vez mais situações de violência e perplexidade. É mais a desestrutura familiar a nos informar que onde o pai é ausente, o filho jaz fatalmente carente. E, nesse sentido o Estado para nós foi uma representação paterna durante muito tempo.

Também a lei é uma representação, tal como a grande mãe dos direitos. Daí, enquanto os órgãos do Estado e da lei, restamos marginalizados e desfuncionalizados como pais, filhos, irmãos e vizinhos.

A pluralidade de identidades¹⁵ provoca a banalização e desgaste, repare que todos os heróis dos quadrinhos são brancos, toscos, idiotas, boçais e, sobretudo violentos.

Homer Simpson retrata bem um sujeito que ninguém tem o menor interesse, é equivocado, e há uma identificação muito popular com ele, recentemente, há oito anos, os produtos associados a Bart Simpson vendeu mais que os produtos de Mickey Mouse,

¹⁵ Tradicionalmente, os conceitos de feminilidade e masculinidade foram delineados a partir de oposição binária, num esquema de tese e antítese. Essa lógica dicotômica reconstitui a oposição existente entre polo dominante e polo dominado, entre ativo e passivo, sendo essa a única forma viável de relação entre esses elementos. Assim, outrora o homem era relacionado com a superioridade, atividade, força e virilidade, ao passo que a mulher, era secundarizada, inferiorizada, pura, afetuosa e submissão à dominação masculina.

É bom frisar que existe uma discriminação entre os próprios homens, quem é mais qualificado, mais letrado ou menos letrado. Desde os anos 20 e 30 há um empalidecimento do masculino¹⁶ e tudo que significava dentro da sociedade ocidental, o valor de ser homem.

Desta forma, o homem vigoroso, forte, destemido, provedor e em busca de certo caminho vai desaparecendo e, se transformando em algo que não vale a pena se identificar.

O desemprego e a pobreza constroem uma indústria alimentada pela violência que faz essa apropriação do vigor, da tutela, de submeter à vítima, de humilhar a vítima, de se constituir enquanto herói, de estar no pódio, na cena pública, mesmo que seja pelo avesso.

Restou uma instabilidade na modelagem dessas identidades, por falta de vínculos pois o sujeito está sozinho, abandonado em meio a um contexto mutante e vorazmente dinâmico. E, esse sujeito contemporâneo, de intoxicante autossuficiência, de isolamento é recorrente.

Portanto, a ideia de que os homens são mais frágeis que as mulheres, refere-se a polêmica que veio com a crise do século XXI que não é uma nova concepção, mas desloca-se em ser uma crise de identidade sexual mais do que uma capacitação de produção de vínculos afetivos.

Ganha-se na diversidade, mas não há certezas quanto à identidade. Agora não há o discurso exato e nunca vai haver.

Quanto à ideia de que os homens (padrão) brancos e heterossexuais não são mais necessários, são importantes

¹⁶ “(...) Em síntese, a sociedade industrial avançada impõe uma racionalidade tecnológica. Ser bem-sucedido significa adaptar-se ao aparato, ou seja, às instituições, dispositivos e organizações da indústria. Não há lugar para a autonomia humana, para independência de pensamento, nem para o direito de oposição. (...)” In GABRIEL, Ivana Mussi. Hercule Marcuse – Reflexão sobre a sociedade tecnológica. Disponível em: <http://jus.com.br/revista/texto/5503/herbert-marcuse#ixzz2CjIQ3EVU>

enquanto representação para existirem os discursos de emancipação.

Se for possível colocar a identidade do masculino e do heterossexual em xeque, posso fazer o mesmo com as demais identidades. A violência onde se instaura, impediu ou deixou de nascer identificação e identidades, deixou de se controlar a tensão emocional, porque a vida é tensão.

Nietzsche quando alude à imagem do homem é um sujeito em cima de um leão – em que ele circula, fazendo uma associação ao mundo emocional – dá uma tarefa sobre isso, da apropriação de sua própria vida.

A liberdade para ser amado, de se implicar numa vida produtiva está ligada a nossa capacidade de produção de vínculo, seja homens ou mulheres.

Então, a violência veio de algum modo restituir ou reparar esse vigor perdido, esse enfraquecimento, de positividade, de se sentir uma pessoa de valor.

As identidades são construídas para homens e mulheres dentro da perspectiva da imaginação. O homem pode se reinventar através de uma política de amizade e de solidariedade.

Observamos que hoje a mulher vem assumindo o lado ativo e o homem vem se apassivando. Assim, o homem se torna mais agressivo devido à perda de seu papel social, e a agressividade é uma forma de afirmar. É uma questão polêmica, pois quando as singularidades vão desaparecendo, esta violência vai crescendo proporcionalmente.

Não se reinventaram os parâmetros de masculinidade e feminilidade, assim como não se reinventou o que significa ser homem ou ser mulher. Tem lugar para todos no mundo, por vezes a maneira de se encontrar esse lugar é, através da vitimização, e por vezes através do diálogo.

O que devemos combater é a substituição do diálogo pela força da violência, pela truculência, a limar toda racionalidade e humanidade.

O ocidente contemporâneo conseguiu a consolidação das democracias através da perpetuação das guerras e mesmo diante do grande esforço pacifista cada vez mais nos deparamos com um cotidiano militarizado, hostil e eivado de alta competitividade e elevado índices de exclusão social.

É evidente que a decadência da representação social¹⁷ masculina e as provas de que o mundo do homem sucumbiu são inúmeras e não só a ascensão das mulheres nas variadas formas de poder é percebida, mas também o maior espaço e respeito das minorias, reeditam novas lutas que se travam na busca de paridade, igualdade e fraternidade (homossexuais, portadores de necessidades especiais, religiosos e outros grupos).

O esquema da construção da masculinidade é diferente do que se produz na feminilidade¹⁸. Comprova-se tanto na literatura como na mitologia que não se nasce homem, e sim, torna-se homem. E monta-se cuidadosa vigilância sobre a masculinidade dos meninos.

Sócrates Nolasco ao apontar aos ícones de Tarzan a Homer Simpson buscou enfim ilustrar a banalização e decadência da representação social da masculinidade. Enquanto Tarzan é o homem que vence os desafios da natureza, Homer é expressão da decadência, da inadequação e busca uma função social diferente do homem-macaco.

¹⁷ A teoria das representações sociais fora desenvolvida por Serge Moscovici na década de sessenta e aperfeiçoada posteriormente por seus seguidores, na busca de melhor entender como as teorias do senso comum dão significado ao cotidiano, criando realidades sociais.

¹⁸ É ainda importante explicar que existe o feminismo pós-moderno questiona e desconstrói os conceitos modernos relacionados a sexo, gênero e sexualidade ao considerar que esses conceitos não são neutros, mas construções sociais usadas para transmitir e manter hierarquias e papéis de gênero. Não se cogita somente em mulheres, mas em relações de gênero e construção/desconstrução de identidades. A heteronormatividade e o binarismo homem-mulher também são questionados, abrindo espaço para outras construções sociais que não se limitam aos papéis tradicionalmente atribuídos a homens ou mulheres e definidos de forma estanque, como feminilidade ou masculinidade.

De qualquer forma, o homem contemporâneo molda-se e sofre a influência de ambos os ícones, e faz da violência uma forma de expressão frequente como forma de resolução de conflitos e na busca de reconhecimento e visibilidade social.

Referências

NOLASCO, Sócrates. De Tarzan a Homer Simpson. Palestra disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/evento/de-tarzan-a-homer-simpson-%E2%80%93-a-masculinidade-hoje-socrates-nolasco-psicanalista-2/> Acesso em 20/03/2010.

_____. De Tarzan a Homer Simpson. São Paulo: Editora Rocco, 2001.

_____. A violência é masculina. Da virilidade do Tarzan ao conformismo de Homer Simpson, o psicoterapeuta Sócrates Nolasco discute a crise no universo dos homens. Revista Isto é independente. Disponível em: http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/40095_A+VIOLENCIA+E+MASCULINA Acesso em 20/04/2011.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. Dicionário de Psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor. 1998.

Laplanche, Jean; PONTALIS. Vocabulário de Psicanálise. 4.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1998.

RAGO, Margareth. Adeus ao Feminismo? Feminismo e Pós-Modernidade no Brasil. Disponível em: http://www.ifch.unicamp.br/ael/website-ael_publicacoes/cad-3/Artigo-1-p11.pdf Acesso 19/10/2012